

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LÍNGUA E LITERATURA FRANCESAS**

ANÁLISE DESCRITIVA DO LÉXICO CULTURAL EM: “BON COP, BAD COP”

CAIO MACHADO NASCIMENTO

FLORIANÓPOLIS

2024

CAIO MACHADO NASCIMENTO

ANÁLISE DESCRITIVA DO LÉXICO CULTURAL EM: “BON COP, BAD COP”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Letras - Língua e Literatura Francesas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sabrina Moura Aragão

Florianópolis-SC

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Nascimento, Caio Machado
ANÁLISE DESCRITIVA DO LÉXICO CULTURAL EM: "BON COP, BAD
COP" / Caio Machado Nascimento ; orientadora, Sabrina Moura
Aragão, 2024.
26 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua
Francesa, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Francesa. 2. Tradução. 3. Linguística.
4. Audiovisual. 5. Legenda. I. Aragão, Sabrina Moura. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras
- Língua Francesa. III. Título.

RESUMO

Este trabalho começa com o interesse pela linguística sócio-cultural. Como cada cultura molda e é moldada por tudo ao seu redor, incluindo também a língua que a representa e é representada por ela. No caso de países que passaram pela colonização europeia, esse processo ganha características próprias que trazem a influência de todas as culturas que participaram desse processo.

Dentro do Canadá, com todas as suas influências, existe o Quebec com sua questão ligada à colonização francesa. Podemos nos utilizar desse fato para comparar a progressão da língua francesa na França e no Canadá a partir desse ponto onde a língua passou a continuar se desenvolvendo separadamente em dois contextos diferentes.

Através de uma influência religiosa e cultural de uma França que colonizou uma parte do Canadá séculos atrás, surge um léxico cultural que se desenvolve com o passar dos anos. Dentre outros exemplos, os *sacres*, que hoje fazem parte do vocabulário, da cultura e arte de toda uma população. Tal léxico será então o tema desta pesquisa, a partir da análise da tradução para o português brasileiro de um trecho das legendas do filme “Bon Cop, Bad Cop”.

Palavras-chave: tradução, linguística, audiovisual, legenda.

RÉSUMÉ

Ce travail commence avec l'intérêt par la linguistique socio-culturelle. Comme chaque culture forme et est formée par tout autour de soi, cela inclut aussi la langue qui la représente et est représentée par elle. Dans le cas des pays qui ont passé par la colonisation européenne, ce procès s'ajoute de caractéristiques propres qui mène l'influence de toutes les cultures qui font partie du processus.

Dans le Canada, avec toutes ces influences, il y a le Québec et sa question liée à la colonisation française. On peut utiliser ce fait pour comparer la progression de la langue française en France et au Canada à partir de ce point où la langue a commencé à se développer séparément dans deux contextes si différents.

À travers une influence religieuse et culturelle d'une France qui a colonisé une partie du Canada des siècles avant, apparaît un lexique culturel qui se développe avec le temps qui passe. Dans d'autres exemples, les sacres, qui aujourd'hui font partie du vocabulaire, de la culture et de l'art de toute une population. Ce lexique sera donc le thème de cette recherche, basée sur l'analyse de la traduction en portugais brésilien d'un extrait des sous-titres du film « Bon Cop, Bad Cop ».

Mots-clés: traduction, linguistique, audiovisuelle, sous-titre.

ABSTRACT

This work begins with an interest in sociocultural linguistics. How each culture shapes and is shaped by everything around it, including the language that represents it and is represented by it. In the case of countries that went through an European colonization, this process takes on its own characteristics that bring the influence of all the cultures that participated in this process.

Within Canada with all its influences, there is Quebec with its history linked to France colonization. We can use this fact to compare the progression of the French language in France and Canada from that point on, where the language began to develop separately in two different contexts.

Through the religious and cultural influence of France, that colonized part of Canada centuries ago, a cultural lexicon emerges that develops over the years. Among other examples, the *sacres*, which today are part of the vocabulary, culture and art of an entire population. This lexicon then, will be the theme of this research, through the analysis of the translation into the Brazilian Portuguese of an excerpt from the subtitles of the film “Bon Cop, Bad cop”.

Keywords: translation, linguistics, audiovisual, subtitles.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	TRADUÇÃO DE LEGENDAS	9
3	MARCADORES CULTURAIS E MODALIDADES DE TRADUÇÃO	12
3.1	Modalidades de tradução	12
4	SACRES	14
4.1	Blasfêmia e eufemismo	16
5	APRESENTAÇÃO DO FILME NO CANADÁ	18
5.1	Bon Cop, Bad Cop no Brasil	19
6	ANÁLISE	21
7	CONCLUSÃO	25
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o léxico cultural da província do Quebec, mais especificamente os chamados *sacres*. Estes que são ao mesmo tempo gírias e palavrões derivados de uma influência do vocabulário católico. Os *sacres* são muito utilizados pelos francófonos canadenses e além de marcar uma posição social, podem ser encontrados fazendo vários papéis na sintaxe. Por se tratar de um vocabulário muito específico de uma região, traduz também uma cultura e se torna assim material importante para o estudo do mesmo.

Para analisar os *sacres*, questão tão rica e abrangente, foi necessário encontrar um corpus reduzido mas que fosse material suficiente para análise. Com isso, nada melhor do que um dos filmes de maior bilheteria do Quebec: “*Bon Cop, Bad Cop*”. Trata-se de um drama cômico de gênero dupla policial antagonica, o qual promove a brincadeira justamente com a diferença cultural entre as regiões francófona e anglófona do Canadá, por conta de cada um dos dois protagonistas fazerem parte originalmente de uma dessas regiões de idiomas distintos. Esta pesquisa dá principalmente para a questão linguística de fato, possibilitando o recorte procurado.

No filme, os protagonistas discutem durante uma cena específica, o significado dos *sacres*, onde o francófono tenta explicar para ao anglófono o significado e a função desse léxico na outra cultura. Isso possibilita uma situação interessante, onde, principalmente para os espectadores fluentes nos dois idiomas, será criado um supertexto com a interpretação de ambos os pontos de vista. Junta-se a possibilidade de analisar essa discussão também através da tradução feita para as legendas em português do Brasil pela Netflix, o conteúdo de tal material se torna culturalmente relevante.

O trabalho foi então dividido em cinco capítulos: o primeiro capítulo trata sobre a própria matéria de tradução, mais especificamente a tradução de materiais audiovisuais e então de legendas. Já o segundo capítulo traz uma contextualização no universo dos léxicos culturais. Enquanto o terceiro capítulo foca mais especificamente nos *sacres*, léxico cultural estudado. O quarto capítulo apresenta o filme que foi escolhido como corpus e traz seu contexto e recepção. Finalmente, no quinto capítulo será realizada a análise do trecho escolhido dentro do escopo deste presente trabalho.

2 TRADUÇÃO DE LEGENDAS

A tradução audiovisual sendo uma sub-área da tradução, se ocupa da transferência linguística de uma língua-fonte (LF) para uma língua-alvo (LA), com a especificidade de trabalhar com materiais do ramo audiovisual, podendo ser eles: filmes, seriados, documentários, entre outros. Esse tipo de mídia está sendo consumida cada vez mais na nossa sociedade, por isso uma importância crescente lhe é atribuída.

Levando em consideração as peculiaridades da transferência linguística no campo audiovisual, o teórico Jorge Díaz Cintas (2003, p. 194), afirma que alguns teóricos escolheram considerar essas transferências como adaptação e não como tradução. O que não é aceito por Cintas e cito:

Essa visão, a qual eu considero purista e ultrapassada, se esconde na relativa falta de interesse nessa atividade profissional por parte dos estudiosos da tradução; ao invés disso, eles têm favorecido o estudo de assuntos mais tradicionais e prestigiados tais como a Bíblia, literatura e poesia. Uma definição de tradução que exclua grandes áreas da atividade profissional é muito limitante, [...] o meio como nos comunicamos muda, [...] por isso precisamos ver a tradução como algo mais flexível. (2003, p. 194)

A tradução precisa então ser algo que se adapte às nossas necessidades e acompanhe as novas tecnologias.

Quanto à terminologia segundo Cintas (2003, p. 194), os primeiros estudos se referiam à “tradução de filmes”, mas como o campo de estudo se estendeu para outras mídias, o termo “tradução audiovisual” foi introduzido. Depois sendo ainda chamado “tradução de tela” ou “tradução multimídia”.

Existe a necessidade da tradução audiovisual em materiais que serão comercializados, principalmente em regiões onde a língua-fonte da obra não é compreendida ou falada pela população. Porém, mesmo para um público que domina a LF do produto audiovisual, vários obstáculos de compreensão podem surgir, tais como: “variações dialetais e socioletais, falta de um feedback explicativo, nível de som externo e som ambiente, falas sobrepostas, etc.” (CINTAS, 2003, p. 195) Por esse motivo também, a tradução audiovisual se torna ainda mais importante. Já que vem para auxiliar na questão das variações, do feedback e da mixagem de som citada por Cintas, promovendo um aumento no número de pessoas que utilizam a tradução audiovisual. Criando assim uma necessidade por mais trabalhos de tradução, o que gera mais estudos na área, como também mais profissionais capacitados.

Não excluindo a possibilidade de outros tipos de tradução audiovisual, apresentamos brevemente os três modos mais comuns, baseando-nos nas reflexões de Cintas (2003). Começando pela dublagem que, conforme define o autor, envolve substituir a gravação

original contendo os diálogos dos atores na língua-fonte por uma gravação contendo a língua-alvo reproduzindo assim a mesma mensagem mas tendo que ao mesmo tempo, garantir que a LA gravada esteja minimamente sincronizada com o movimento dos lábios dos atores.

O segundo modo de tradução audiovisual definido por Cintas (2003) é o voice-over, que se trata de um processo parecido com a dublagem, porém a gravação em LF não é suprimida, apenas é reduzida ao seu volume mínimo para garantir que a tradução, sobreposta em volume normal, possa ser facilmente entendida. Uma prática comum é a de começar a gravação em LA um pouco depois e terminá-la um pouco antes da gravação em LF para que o público possa ouvir a voz original dos atores. (CINTAS, 2003, p. 195) Ainda de acordo com o autor, diferentemente da dublagem, não existe a necessidade de sincronizar o áudio traduzido com os lábios dos atores.

O terceiro modo apresentado por Cintas (2003) é a tradução de legendas ou legendagem, foco principal deste trabalho. Nesse tipo de tradução audiovisual, temos a demonstração de um texto escrito, geralmente na parte inferior da tela, dando conta do diálogo entre os atores e outras informações linguísticas que fazem parte da imagem visual (escritos, placas e rótulos) ou da trilha sonora (músicas). (CINTAS, 2003, p.195)

De acordo com Cintas (2003, p.195-296), existe uma preferência por uma dessas três modalidades de tradução audiovisual a depender do país de recepção ou do gênero do programa, perfil de audiência ou meio de distribuição. Essa variação também pode ocorrer por questões sociais, repressões políticas e censuras. Questões econômicas também influenciam, como também hábitos e costumes podem ditar as regras. Ainda de acordo com o autor, geralmente, as duas formas de tradução audiovisual mais utilizadas são a dublagem e a legendagem. Mas na virada para o terceiro milênio, a evolução das tecnologias diminuiu a diferença na escolha popular por uma ou outra modalidade, possibilitando que os filmes contassem com as duas opções de tradução dentro de uma mesma mídia. Outra mudança trazida pela tecnologia, foi a aproximação dos jovens com a comunicação através de legendas (mensagens escritas/instantâneas), nas salas de bate-papo e e-mails, pelas telas de seus computadores e celulares, prevendo assim uma maior aceitação da legendagem. (CINTAS, 2003, p 196-197)

Duas observações podem ser feitas a partir dessas mudanças e evoluções. Primeiro, o mundo da produção audiovisual está constantemente mudando, e os modos de tradução não são tão cavados em pedra como alguns gostariam de acreditar. Segundo, essa diversificação de modos cria a necessidade por tradução e gera mais trabalho na área. (CINTAS, 2003, p 197-198)

De qualquer forma, o modo de tradução audiovisual que passou e continuará passando pelo maior crescimento é a legendagem, principalmente pela implementação mais rápida e econômica, podendo ser também usada em produtos audiovisuais. (CINTAS, 2003, p.199)

Voltando à terceira modalidade de tradução audiovisual, Cintas (2003, p. 199-200) apresenta dois tipos de legendagem: interlinguais, que transferem conteúdo de uma LF para uma LA e intralinguais, que não passam por esse processo de tradução, também conhecida como closed-captions(captioning). Essa segunda é conhecida por incluir os surdos e pessoas com dificuldade de audição, transformando o conteúdo oral dos diálogos em escrita. Adicionando também elementos para que não exista a perda de paratextos informativos, que contribuem para o desenvolvimento da trama ou para a ambientação, que seriam acessados através do áudio. Porém essa classificação assume que pessoas surdas apenas consomem conteúdo em sua língua materna, caso esse não seja o caso, esse público deve assistir a conteúdos estrangeiros com as legendas interlinguais e sem os auxílios trazidos pelo closed-caption. Esse cenário está mudando, com a disponibilização cada vez maior de legendas inclusivas em mais de um idioma para a mesma mídia. (CINTAS, 2003, p. 199, 200)

Porém, mesmo com o avanço dos estudos da tradução e da tradução audiovisual, mais especificamente, Cintas coloca: “Existe uma necessidade por estudos mais detalhados e de maior alcance, [...] sobre dificuldades nessa área, tais como a tradução de linguagem forte e de linguagem coloquial.” (2003. p.201)

3 MARCADORES CULTURAIS E MODALIDADES DE TRADUÇÃO

A tradução de textos que carregam fortes marcas culturais acrescenta a necessidade de estudos na área, principalmente sobre formas específicas de traduzi-los. Por isso é importante a compreensão e o conhecimento sobre tais marcadores dentro de uma língua, mesmo que sua identificação não seja sempre tão simples. Toda língua é constituída e está sendo constantemente moldada pela cultura na qual está inserida, portanto carrega também suas marcas, valores e especificidades. Isso pode criar também uma forma de diferenciação da mesma língua em diferentes países, ou culturas, por exemplo. Desde aspectos gramaticais como a forma de conjugação até a forma discursiva e o referencial geográfico/espacial e religioso/ideológico podem ser considerados marcadores culturais e por estarem presentes em tudo, apresentam uma grande dificuldade tradutória.

Levando isso em consideração, uma possibilidade tradutória pode ser a de neutralizar essas diferenças culturais, admitindo uma ideia da existência de referentes perfeitos entre todas as línguas/culturas possíveis. Se constata isso através do alto uso de tradução literal. (Aubert 2006 p 25). Uma outra forma de resolver essa questão, seria a de tentar ver a tradução cultural através dos diferentes pontos de vista sobre o objeto e não necessariamente tentar traduzir o objeto em si, ou seja, um olhar mais antropológico. Essas duas visões talvez não sejam um dilema tão grande se vistas como um paralelismo, sendo assim divide-se a tradução de marcadores culturais entre: linguística e cultural. Tentamos aproximar a partir daí os dois paralelos, linguística e antropologia.

As línguas são fenômenos culturais que estão sempre mudando, por isso existe a dificuldade de identificar e traduzir os marcadores culturais presentes no registro linguístico se não existir um alto conhecimento de ambas as culturas. Nesse caso, é preciso analisar o discurso sempre dentro de um contexto específico, que sempre muda. Então o potencial de significação de uma palavra é parcial e a depender de onde e como, pode haver uma mudança no seu significado.

3.1 Modalidades de Tradução

Nesta pesquisa faço uso das modalidades de tradução apresentadas por Aubert no seu trabalho de 1998 para realizar a análise do trecho selecionado neste trabalho. Por isso é importante citar o que diz o autor sobre esse tipo de abordagem técnica de tradução. Primeiramente, Aubert aponta a importância desta modalidade para a teoria e prática de

tradução, mas também para a linguística, por ajudar na organização e preparação de dados para o tratamento que podem ser medidos e quantificados dentro de um modelo descritivo. Esse modelo tem origem com Vinay e Darbelnet (1958), então denominado de “procedimentos técnicos da tradução”. Foi particularmente popular no Brasil, após algumas intervenções e uma revisão sistemática do modelo original, temos um sistema devidamente reformulado para fins descritivos que resultem na geração de dados quantitativos. (Aubert 1998 p. 102)

Cito novamente Aubert (1998 p.105-109), para descrever brevemente as treze modalidades de tradução: **Omissão**: Ocorre quando um segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta. **Transcrição**: Verdadeiro “grau zero” da tradução. Inclui segmentos que pertencem ao acervo de ambas as línguas envolvidas ou a nenhuma das duas. **Empréstimo**: Um segmento textual do Texto Fonte reproduzido no Texto Meta com ou sem marcadores. **Decalque**: Uma palavra ou expressão emprestada da Língua Fonte mas que foi submetida a certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções e não se encontra registrada na Língua Fonte. **Tradução literal**: Comparando-se os segmentos textuais fonte e meta, podem ser consideradas sinônimos interlinguísticos **Transposição**: Sempre que ocorrem rearranjos morfossintáticos, como a junção de múltiplas palavras em uma só, ou o contrário, e alteração na classe gramatical. **Explicitação/Implicação**: Duas faces da mesma moeda, quando informações implícitas em um texto são explicitadas no outro e vice-versa. **Modulação**: Ocorre quando um segmento textual tiver um deslocamento na estrutura semântica, embora mantenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto. **Adaptação**: Denota uma assimilação cultural com equivalência parcial de sentido, suficiente para o ato tradutório mas sem qualquer equivalência perfeita. **Tradução intersemiótica**: Quando um referencial imagético do texto fonte vem reproduzido como material textual no texto meta. **Erro**: Parte inevitavelmente de um viés subjetivo, logo esta modalidade não abarca soluções “inadequadas”. **Correção**: Uma opção do tradutor em “melhorar” o texto meta em comparação com a fonte. **Acréscimo**: Qualquer segmento textual incluído no texto alvo por conta própria do tradutor.

Estas modalidades podem ocorrer de forma isolada ou de forma híbrida, com mais de uma modalidade ao mesmo tempo. Também, elas não contêm implicação específica sobre a natureza da linguagem e de cada língua, apenas se tratando de um modelo prático para descrever e comparar as estruturas de superfície entre um texto fonte e seu texto meta. (Aubert 1998, p. 110-111)

Segundo Diane Vincent (1984), em praticamente todas as sociedades existem interdições bem estabelecidas as quais os indivíduos reconhecem e respeitam. Mas a própria existência dessas interdições gera a possibilidade de serem transgredidas, criando tabus que podem ter várias origens e influenciar o significado da sua transgressão. Por isso o *sacre* se torna complexo, sendo ligado à história e à evolução social como também à ideologia religiosa do povo do Quebec. (p. 55)

Ainda segundo Vincent (1984), se os estudos sobre a transgressão em geral já são raros, aquelas sobre essa transgressão no plano verbal são quase inexistentes. Mesmo assim, se trata de um assunto suficientemente difundido de forma que todos sabemos que algumas palavras, nomes ou expressões podem ter um impacto quando pronunciadas fora de contexto ou por indivíduos não autorizados dentro de determinadas sociedades e culturas em geral. Além disso, essa interdição se encontra geralmente nos mesmos domínios. São eles principalmente palavras ligadas à religião, às divindades e aos objetos sagrados, mas também à sexualidade, à escatologia e ao sangue, seja pela proximidade deste à reprodução, à maternidade e à menstruação ou à caça e à morte. (p. 56)

Se a interdição verbal está no domínio religioso, a relativa transgressão pode levar a efeitos catastróficos para a sociedade por provocar a raiva dos deuses, segundo a crença que pode ser encontrada nas sociedades onde a noção de um ser superior é aceita. O que não é sagrado é profano, mas nem sempre o sagrado está interdito ao homem. Nas línguas indo-europeias, o vocabulário sagrado é representado por dois signos: “*sacer*”, em latim, que representa aquilo que se refere a presença divina e pode ser acessado pelas pessoas comuns, etimologicamente refere à noção de sacrifício e da reza. O segundo, em latim “*sanctus*”, é interdito aos homens e só pode ser acessado por especialistas, indivíduos escolhidos, como os padres na religião católica. Ainda existem interdições em situações específicas, como para mulheres quando estão menstruadas ou grávidas em algumas sociedades indo-europeias, nesse caso um tabu relacionado ao sangue. (Vincent 1984 p.56)

Paralelamente, existem interdições verbais como os palavrões e as injúrias, que têm uma noção de vulgaridade e de obscenidade porém não tem um impacto sobre as forças divinas ou sobrenaturais. Representam, enfim, uma ofensa à sociedade, aos bons costumes da cultura e da ordem estabelecida. Padrões sociais esses sobre as interdições verbais que mudam, juntamente com as mudanças ideológicas ou sociais pelas quais passam uma sociedade durante as diferentes épocas da história. Por isso no Quebec, poucas pessoas que

usam os *sacres* hoje em dia tem medo de alguma punição divina ou humana. O vocabulário tabu de domínio religioso perdeu seu caráter sobrenatural com o tempo e se junta aos palavrões e injúrias carregando apenas uma marca de vulgaridade. (Vincent 1984)

Vincent escreve que o fato de existir uma interdição abre a possibilidade para a sua transgressão. Mas, levando em conta as crenças religiosas e convenções sociais, é necessário um poder nessa transgressão para que o efeito que carrega seja mais importante do que uma eventual punição. Mesmo assim, existindo vários tipos de interdições verbais, cada transgressão só tem impacto em uma cultura e em um momento específicos. Levando então em consideração o catolicismo, as palavras quando pronunciadas por indivíduos sem autorização ou em momentos inoportunos podem ter efeito negativo e atrair maldições ou desastres, tudo por responsabilidade do transgressor. Porém se nada de ruim acontece, o transgressor pode acabar por desmentir as forças sobrenaturais e este fato diminuiria o poder de uma ordem estabelecida com o intuito de controlar uma sociedade. Por isso, os detentores desse poder têm um grande interesse em exercer um controle coercitivo para evitar essa transgressão, mesmo que apenas verbal. Porém, nem toda transgressão carrega necessariamente um poder sobrenatural, neste caso toma uma dimensão de nível social, a depender da conotação que está ligada a interdição. Conseguir expressar-se é a função essencial da linguagem e assim o locutor provoca um efeito sobre o ouvinte com o seu estilo de linguagem, essas formas se renovam constantemente junto com a sociedade. A força da expressão é proporcional à gravidade da ofensa. (p.56- 57)

Ainda segundo Vincent, os *sacres* vão derivar do catolicismo, mas essa religião nos comanda a não dizer o nome de Deus em vão, nem utilizar o nome de lugares, objetos e pessoas consagradas por ele em vão. Neste caso utilizar esse vocabulário seria cometer o pecado da blasfêmia e isso poderia levar a graves consequências, não só pela punição divina mas também na comunidade. Então entra em cena o eufemismo como forma de amenizar o resultado punitivo, neutralizando o efeito negativo que um palavrão poderia ter diante da raiva de Deus e de seus seguidores. Mesmo assim, o eufemismo mantém a força expressiva e a função social da transgressão, por que a raiz do vocabulário ainda está lá. Assim, mesmo os *sacres* estando sendo modificados eles mantêm a sua origem católica. Para fugir de uma punição divina, num sentido mais religioso, ou para fugir da raiva dos homens e de uma punição social ligada à religião. Isso então quer dizer que o *sacre* não vem para provocar Deus, mas para questionar e provocar as instituições de uma sociedade coercitiva. (p. 57)

4.1 Blasfêmia e eufemismo

Se pensarmos no continente europeu antigamente, os castigos para quem pronunciava blasfêmia na França do fim da idade média até o século 18 eram severos, a lei previa desde multas e castigos corporais até a morte em alguns casos. A igreja precisava impor esse tipo de punição para afastar o povo do incompreensível, mantendo-se como intermediador e garantindo assim o controle sobre a sociedade, a ordem religiosa assim se confunde com a ordem social. Para marcar uma resistência a tal ordem, mas evitando uma severa punição ligada a utilização da blasfêmia, cresce a utilização de eufemismos ligados a palavras de cunho blasfematório. Depois desse período, quando a França começa a desligar as instituições sociais das instituições religiosas, percebemos que o vocabulário expressivo e cultural começa a se direcionar para uma afronta aos bons costumes da época. Teólogos, pecado, família santa e blasfêmias são substituídos respectivamente por psicanalistas, doença mental, família edipiana e palavrões. E atualmente no país, só restam traços de xingamentos religiosos, resíduos mais da língua do que da cultura. (Vincent 1984 p. 57)

Já no Quebec, quando ainda era colônia francesa, a lei da metrópole sobre a blasfêmia prevalecia. Porém o povo não era tão religioso ou pelo menos não levava tão a sério o culto. Desta forma, mesmo se a blasfêmia fosse reconhecida como uma ofensa a Deus, e assim pecado, geralmente era ligada apenas a uma questão de embriaguez, vulgaridade e desordem social. E quanto ao clero no novo continente, era mais distanciado do poder e das ambições políticas, sua preocupação estava voltada mais em converter os nativos da terra nova do que disciplinar os franceses indisciplinados. Com a independência ocorre a volta da elite religiosa à França, a igreja no Quebec fica desarticulada e o ato de desafeição com a igreja na sua grande maioria não é mais visto como anticlericalismo, mas sim como a expressão de um catolicismo popular próprio ao novo continente. Uma questão de identidade decolonial. (Vincent 1984 p. 58)

Então no século 19, um clero mais propriamente quebequense e maior conhecedor dos problemas do próprio povo, ganhou mais força. A sociedade no Quebec se aproxima mais e oferece um maior suporte institucional à igreja, que por um tempo vai dirigir a província num nível moral e religioso, mas também cultural e político. Porém, no século que sucede, a igreja perde a maioria de seus poderes institucionais, um reflexo de uma ideologia mais industrial e progressista. Dentro de toda essa mudança, o *sacre* toma uma nova dimensão no Quebec. Principalmente com a eufemização das blasfêmias, criando palavrões inofensivos desprovidos de caráter religioso, muitos ainda nem se referindo ao nome de Deus mas ao nome de objetos e lugares sagrados. Desde o fim do século 19 se percebe uma grande criatividade nas formas

dos palavrões e uma diversidade de funções entre verbos, adjetivos e substantivos. Dentro desse período, um desenvolvimento original do vocabulário francês do Quebec se deu, consolidando o uso dos *sacres* dentro da cultura da região. (Vincent 1984 p. 58-59)

Atualmente, uma atenção menor é oferecida a esse léxico cultural, a maior parte da população já banaliza seu uso e não vê mais a ligação dos *sacres* com a religião de forma tão direta. O que já foi pecado se tornou um xingamento e já não é mais passível de castigo. Fé e *sacre* estão agora ligados por um passado onde a igreja detinha um poder institucional na sociedade, o que criou uma necessidade de afronta ao sistema e fez surgir essa nova forma de expressão, que cada vez é mais utilizada de forma banal e tem menos conexão com sua raiz. Portanto, com a população menos religiosa, o *sacre* é mais ligado à popularidade de forma pejorativa e seu uso não é mais disseminado como forma de blasfêmia, ele pertence agora ao povo, se tornando um traço de identidade cultural. (Vincent 1984 p. 59-60)

5 APRESENTAÇÃO DO FILME NO CANADÁ

Bon Cop, Bad Cop é um filme de ação policial com nuances de comédia dirigido por Érik Canuel que foi lançado em 2006 no Quebec. O filme se destaca dentro de uma categoria, ou subgênero, muito saturada na indústria do cinema com a representação de dois policiais de personalidades antagônicas (Máquina mortífera, Bad boys, Starsky & Hutch). Inserindo uma novidade interessante na trama: as diferenças linguísticas e culturais franco-inglesa no Canadá. Com um policial francófono da província do Quebec (David Bouchard) e outro policial anglófono de Ontário (Martin Ward), muito bem caracterizados de acordo com os estereótipos de cada região. Os dois passam a se provocar durante toda trama, depois de terem sido obrigados a trabalharem juntos num caso de assassinato ocorrido na fronteira dos dois territórios. (KELLY, 2017)

O filme foi um sucesso de bilheteria no Canadá, principalmente no Quebec, tornando-se um marco na história cultural do País. Em menos de um mês depois da estreia, o filme arrecadou 8.2 milhões de dólares em ingressos nacionalmente e 12.2 milhões até o final do ano, se tornando o campeão de bilheteria de todos os tempos no país. Ganhando até o prêmio anual canadense de melhor filme. (HAYS, 2007 p. 20)

O filme foi pensado para juntar as duas culturas do país, talvez por isso não tenha feito tanto sucesso fora do Canadá. Kevin Tierney (produtor anglófono do filme) nunca escondeu que o filme foi uma tentativa de conectar as duas audiências, a do Quebec e a do resto do país em geral, através de seus gostos em comum (hockey e falar dos anglos para os francos e hockey e falar dos francos para os anglos). Por isso o filme traz alguns estereótipos bem marcados. Algo a mais que o produtor quis trazer foi o primeiro filme verdadeiramente bilíngue da história do Canadá. (HAYS, 2007 p. 21)

Mas além dos esforços para juntar os dois mercados canadenses num filme, um dos maiores problemas foi levar ao resto do Canadá o que o Quebec já aproveitava, um cinema popular robusto cultural apoiado pelo público, já que uma forma de diferenciar as duas culturas canadenses é através do cinema. O Quebec valoriza sua cultura de filmografia com muito orgulho, fato sendo comprovado pela lista de Telefilm, anunciando os dos doze filmes mais bem sucedidos comercialmente desde 2001 no Canadá e todos eram do Quebec. Entretanto, no resto do Canadá, poucos são aqueles que preferem filmes de seus conterrâneos, um mercado anglófono dominado por filmes advindos do “colonizador cultural” estadunidense, deixando o caminho já difícil dos profissionais da região ainda mais apático e estagnado

enquanto tentam sem sucesso competir com os filmes produzidos em Hollywood. (HAYS, 2007 p.21)

No final das contas, essa disparidade entre o Quebec e o resto do Canadá nesse setor se dá muito provavelmente pelo fato unificador do Quebec, uma cultura distinta protegida pela língua francesa, o que gera de imediato uma identificação e um fator de orgulho. Assim como o protecionismo do governo do Quebec com sua própria língua e cultura, investindo e incentivando o consumo da mesma através de vários meios, incluindo as artes. Além de um pensamento mais europeu da população do Quebec, que contrasta com a mente mais estadunidense do resto do Canadá, em matéria de consumo ligado a arte e cultura. Fazendo com que autores do Quebec sejam mais valorizados dentro de seu território enquanto os artistas do resto do Canadá acabam buscando mercado fora de seu país. (HAYS, 2007 p.22)

Porém, alguns incentivos ao cinema nacional para tentar equilibrar esse cenário acabaram piorando o problema pela forma como foram conduzidos. Valorizando o já forte mercado cinematográfico do Québec, mas em detrimento do desse mercado no resto do país. E também criando uma preferência pela produção de filmes mais comerciais em detrimento de filmes com um viés mais cultural. Criando um mercado com menos variedade artística e muita concentração de recursos nas mãos de poucos autores. (HAYS, 2007 p.23)

Apesar de “Bon Cop, Bad Cop” oferecer um ponto de vista interessante sobre a dicotomia cultural e linguística do Canadá, também diz sobre o mercado cinematográfico do país. Apesar do filme ter sido um sucesso nacional, inclusive tendo recebido uma sequência em 2017, a popularidade quase total vem do Quebec, mesmo havendo um forte investimento em campanha no resto do país. (HAYS, 2007 p.24)

5.1 Bon Cop, Bad Cop no Brasil

Torna-se uma tarefa difícil pesquisar sobre a recepção do filme no Brasil quando o mesmo não foi lançado em salas de cinema fora do Canadá, numa época na qual essa era uma das maiores formas de se divulgar um lançamento para o público. Fora do país de origem, Bon Cop, Bad Cop, teria sido apenas exibido em festivais de cinema e outras ocasiões parecidas em países como Estados Unidos e França.

No ano em que o filme foi lançado, os filmes eram primeiramente exibidos nos grandes cinemas, para depois irem para as locadoras onde ficariam disponíveis para quem não teve a chance de aproveitar o lançamento. Já que não apareceu nos cinemas do Brasil, o destino de Bon Cop, Bad cop, foi provavelmente de ter ido diretamente para a prateleira das

locadoras brasileiras. Mas essa é uma informação difícil de verificar hoje em dia com a falência da indústria de locadoras de filmes e até mesmo da própria mídia física, para a consagração das plataformas de streaming e sua mídia digital. Também não são muitos os dados oficiais, já que aparentemente os produtores do filme não fizeram tanta questão de conquistar o público fora do Canadá e a maioria dos dados sobre a audiência se reservam ao próprio país. Deixando de lado até mesmo países mais próximos que o Brasil, que mesmo assim já não eram um alvo para os produtores do filme.

Hoje em dia o filme é disponibilizado pela plataforma de streaming “Netflix” com o título original de *Bon Cop Bad Cop*, que possui uma palavra em francês (*bon*) e duas em inglês (*bad* e *cop*), talvez até por uma falta de tradução no lançamento, devido a não comercialização do filme no Brasil na Época. É possível interpretar que as plataformas que disponibilizam o filme hoje preferiram deixar o título original, já que o público que vai consumir esse tipo de mídia seria muito específico de qualquer forma. Esses novos meios de assistir filmes vieram para tornar esse tipo de conteúdo mais acessível, inclusive com legendas em português, italiano e até em alemão, ainda existindo opções inclusivas de *Closed Captions* em inglês e em francês do Canadá (especificado dessa forma). Os áudios do filme na plataforma seguem o padrão da mídia física da época, francês do Quebec ou inglês. Sendo que na verdade não existe dublagem em nenhum idioma, o que preserva o bilinguismo francês/inglês que caracteriza a dualidade dos dois policiais e, conseqüentemente, das duas línguas/culturas presentes no Canadá. Ao escolher o áudio em francês (para espectadores francófonos) ou inglês (para espectadores anglófonos), há uma mudança nas legendas, ou seja, nas partes faladas em inglês haverá legendas para o espectador francófono e vice-versa.

Como o humor do filme está no contraste cultural e linguístico entre os personagens, isso provavelmente influenciou uma distribuição mais localizada do material dentro do próprio Canadá. Já que em países alheios a essa realidade, onde não são faladas as línguas do Canadá, o não entendimento das nuances de humor poderia acabar por influenciar diretamente na recepção deste conteúdo. Por não ter uma grande divulgação fora do Canadá é previsível uma falta de dados, informações ou até mesmo de traduções de título, legendas, e dublagens em outros idiomas.

6 ANÁLISE

Foram selecionadas 13 legendas do trecho entre 33:32 e 35:04. Neste trecho do filme, os personagens David Bouchard e Martin Ward estão no Quebec colocando um suspeito no porta-malas do carro quando este os xinga com o uso dos *sacres*. Mesmo percebendo que está sendo ofendido, essa situação cria um desentendimento para Martin, que mesmo falando francês não compreende o significado do vocabulário, já que ele vem de Ontario, uma região anglófona do Canadá. David, personagem que é natural da região francófona do Quebec e está mais do que familiarizado com as expressões, explica para o colega policial do que se trata e como se utilizam os *sacres*. Então, encontraremos alguns *sacres* em diferentes contextos, por isso as soluções encontradas pelo tradutor são interessantes tendo em vista a especificidade de se trabalhar com as expressões quebequenses.

Nº	Tempo	Áudio (Fr)	Legenda (Pt-Br)	Modalidade de Tradução
1	33:32:00	- Mon hostie de cálice de pourri sale!	Seus filhos da puta malditos!	Modulação
2	33:38:00	- Qu'on est des pourris sales.	Nos chamou de malditos.	Modulação
3	33:44:00	Comme “hostie de pourri”, c’est pourri pas mal.	Hosties de pourris quer dizer malditos,	Empréstimo
4	33:46:00	Mais... Hostie de cálice de pourri, ça, Ça commence à être vraiment pourri, mais c’est pas si pire	mas hosties de calice de pourris Quer dizer filhos da puta malditos.	Empréstimo
5	33:54:00	d’hostie de pourri de cálice de tabarnak.	Hostie de pourri de calice de tabarnac.	Empréstimo
6	34:08:00	- M’as t’en câlicer une! - C’est beau Luc!	-Vou te dar um. -Boa, Luc.	Modulação
7	34:10:00	- C’est un bel exemple, “m’as t’en câlicer une”.	Por exemplo, “vou te dar um”.	Omissão
8	34:12:00	Tu peux le faire au masculin aussi. Comme “je vais t’en crisser un”.	Ou usa o masculino e diz, “vou te dar um soco.”	Modulação
9	34:17:00	Toi, mon tabarnak, là!	-Seu fodido.	Modulação

10	34:24:00	comme “je vais t’en donner un tabarnak”.	Como “Vou te dar um maldito...”	Modulação
11	34:30:00	Ah, c’est vrai, on a des expressions, aussi! Comme “je m’en câlice”. - Ah!	Também temos expressões, Como “Não dou a mínima.”	Modulação
12	34:37:00	- Je m'en câlice. - Oh!	-Não dou a mínima. -Cara!	Modulação
13	35:04:00	- Ciboire de tabarnak, Gabrielle!	Mas que merda! Gabrielle!	Modulação

No Trecho 1, “- *Mon hostie de câlice de pourri sale!*” que foi traduzido como “seus filhos da puta malditos”. Sabendo que os *sacres* se tratam de xingamentos provenientes de uma relação próxima do Quebec com a religião católica, a escolha do termo “malditos” poderia ser de certa forma uma tentativa de traçar essa relação, aproximando o público alvo da ideia do que tais xingamentos tem para quem está introduzido na cultura de partida. Porém ao analisarmos o Trecho 2, “*qu'on est de pourri sales*”, e sua tradução “nos chamou de malditos” percebemos que na verdade foi o termo “*pourris sales*”, que não se trata de um *sacre*, que teve sua tradução para “malditos”. Dessa forma resta acreditar que a expressão contendo o *sacre* “*mon hostie de câlice*” foi traduzido para “seus filhos da puta”, o que retira o peso cultural do xingamento. Uma observação a se fazer também é de que em francês a personagem utiliza o adjetivo possessivo “*mon*”, enquanto na legenda em português é utilizado “seus” para dar a ideia de injúria direcionada, já que na próxima fala a personagem do Quebec vai responder com “ele nos chamou de...”.

Na sequência, a utilização de empréstimos, onde o tradutor escolhe por manter o termo “*hostie*” com suas variações “*hostie de pourri*”, “*hostie de câlice de pourri*” e “*hostie de pourri de câlice de tabarnak*” em francês com os *sacres*. Mas explica para a outra personagem a crescente agressividade dos termos, traduzindo-os respectivamente para “malditos” e “filhos da puta malditos”, onde o último termo ficaria sem tradução na legenda, dado o contexto da cena..

Vemos nas próximas legendas uma adaptação dos termos “*t'en câlicer une*” e “*t'en crisser un*”. Traduzidos para: “vou te dar um” e “vou te dar um soco”, respectivamente. Criando assim uma (omissão) exclusão do *sacre* “*câlice*” na primeira frase e uma adaptação de *crisser* por “soco” na segunda. Fazendo uma observação que em francês segundo o dicionário Le Petit Robert Micro, “*crisser*” é um verbo que significa: “*produire un bruit de*

frottement" ou, produzir um barulho de atrito (tradução por mim) mas no québec pode ser também um *sacre* (*crisse*, que vem de Christ) transformado em verbo. Uma outra questão que encontramos é o fato de na legenda ele relacionar as duas frases como: "vou te dar um, ou usa o masculino e diz vou te dar um soco" o que deixa a ideia confusa tendo em vista que as duas frases estão no masculino. Na oralidade do filme, o personagem diz em francês algo mais parecido com: " vou te dar uma, ou podendo usar em masculino também, vou te dar um ", onde abriria espaço para uma tradução abasileirada, utilizando por exemplo "porrada(f) e soco(m)" com a omissão dos *sacres*, ou uma tentativa mais quebecoise utilizando "vou te dar uma calçada" "ou no masculino" "vou te dar com um cristo".

Depois em "*toi, mon tabarnak là*" temos a legenda como "seu fodido", de novo com o apagamento da marca cultural do *sacre* e com a troca de adjetivo possessivo, para indicar um ataque direto ao personagem do policial do quebec quando na verdade o personagem do bandido está xingando por ter sido amassado dentro de um porta-malas, seria interessante pensar em algo nos moldes de "cuidado desgraçado".

No próximo trecho temos "*Je vais t'en donner un tabarnak*" traduzido para "vou te dar um maldito". Aqui temos a ideia novamente de malditos, porém como tradução de um termo diferente, "*tabarnak*", muito utilizado no Quebec. Além de malditos já ter sido utilizado anteriormente para "*pourri*" ou "*pourris sales*", "*tabarnak*" na legenda anterior tinha sido traduzido como "fodido". Todas essas escolhas tradutórias fazem com que o produto na legenda fique muito genérico e que o peso cultural colocado pelas expressões locais não exista para o público-alvo, que *a priori* não tem conhecimento nem da língua francesa nem das peculiaridades da cultura quebequense. Uma escolha, frente à dificuldade de se traduzir tais marcas.

"*Je m'en calue*", diferente das construções anteriores, é uma expressão fechada que transmite uma ideia bem precisa e foi traduzida aqui para "não dou a mínima". Porém de novo faltou a marca cultural do *sacre*, tanto trazendo um termo domesticado como uma possível estrangeirização. Se pensarmos em *sacre* como uma blasfêmia pela relação com a igreja católica, seria interessante ver algo que fizesse referência a isso na tradução.

E no último trecho, em um momento onde a personagem percebe que esqueceu de um evento importante, exprime "*Ciboire de tabarnak*" e a legenda acompanha com "Mas que merda!". De novo uma tradução que consegue transmitir bem o sentido da cena do filme, porém com o apagamento do *sacre* mais uma vez. Seria uma escolha difícil de tradução tentar manter a marca cultural dos *sacres* na legenda, "*Ciboire*" sendo traduzido literalmente como Cibório em português, um Cálice onde se guardariam as hóstias, já que o próprio cálice serve

para o vinho. De novo a proximidade com a religião católica, que traz a ideia de *sacres* como blasfêmias. “Cibório do Tabernáculo!” talvez não seja uma tradução que traga sentido para a legenda de um filme que vai ser recebido por um espectador que não tem toda essa referência. Além de não fazer sentido, cria confusão. Porém, “mas que merda!” aproxima os personagens de uma generalização que retira do filme peso importante de marcas culturais, que no caso específico desse filme, além marcas importantes de uma cultura são também fatores essenciais para o próprio filme, tendo em vista que toda a trama gira em torno das diferenças culturais entre as duas personagens que vem de duas regiões do Canadá com diferenças bem marcantes e distintas.

7 CONCLUSÃO

O que começou como um interesse pela cultura Canadense e mais especificamente da região do Quebec se mostrou uma tarefa muito mais abrangente. Um minicurso na semana de letras da UFSC de 2019 despertou o interesse nos *sacres* e levou finalmente a este trabalho, mostrando que existe muito mais por debaixo dos panos.

Temos o viés da tradução com a sua especificidade para materiais audiovisuais, já que o corpus utilizado foi um texto retirado da legenda de um filme e isso traz consigo parâmetros específicos. Depois estamos tratando de um léxico sensível, com uma carga cultural grande, o que gera a necessidade de mais estudo dentro da área da tradução. Então no estudo dos *sacres* propriamente ditos, existe todo um contexto histórico sócio-cultural importante para a compreensão do uso atual desse vocabulário. O próprio filme utilizado tem um papel importante cultural no Canadá, tendo raízes na diferença cultural entre as regiões do país, as quais passam principalmente pela língua, anglo e francófonas. No último capítulo a análise veio para juntar todos esses conhecimentos.

Como resultado deste trabalho, foi possível perceber a dificuldade de se traduzir um vocabulário cultural tão marcado e específico como os *sacres* são, dentro do Quebec. Um léxico que mesmo dentro da própria francofonia pode não ser tão bem compreendido, pois além de língua, reflete cultura sociedade e história de uma região específica. Trazendo muita dificuldade quando se faz traduzido para outro idioma, pois entra em uma área por vezes subjetiva dentro das opções que são apresentadas para o tradutor, criar um estrangeirismo e talvez um estranhamento ao espectador ou fazer uma localização e perder um pouco do sentido original. Ainda, como o corpus escolhido foi dentro do campo audiovisual, existem todos os parâmetros técnicos dessa área para se levar em consideração na hora de realizar a tradução.

Este trabalho se aventura em alguns temas onde o estudo não está muito desenvolvido, principalmente em se tratando dos *sacres*. Isso acarreta em uma certa dificuldade na procura por materiais, principalmente em português. Por isso esta pesquisa preenche uma lacuna nos estudos da área e esta fica como a minha contribuição.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, F. H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. *Revista de Estudos Orientais*, [S. l.], n. 5, p. 23-36, 2006. DOI: 10.11606/issn.2763-650X.i5p23-36. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reo/article/view/90699>. Acesso em: 17 out. 2023.

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *Tradterm*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 99-128/129, 1998. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1998.49775. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49775>. Acesso em: 17 out. 2023.

BÄSSLER, Valerie. Du tabou à la grammaire: Les sacres en français québécois dans une perspective interactionnelle. *Discours, pragmatique et interaction*, Paris, Trabalho apresentado no 08° Romanisches Seminar, Universität Freiburg, 2008.

CINTAS, Jorge Díaz. Audiovisual Translation in the Third Millennium. In: ANDERMAN, Gunilla; ROGERS, Margaret. (Org.). *Translation Today: Trends and Perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003. p. 192-204,

CINTAS, Jorge Díaz. In search of a theoretical framework for the study of audiovisual translation. In: ORERO, Pilar. (Org.). *Topics in Audiovisual Translation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2004. p. 21-34.

HAYS, Matthews. *Bon Cop, Bad Cop and Canada's two solitudes..* Cineaste, New York, 21 set. 2007.

KELLY, Brendan. From the archives:: Bon Cop Bad Cop un bon summer entertainment. In: *The Gazette*. Montreal Gazette. Montreal, 12 mai. 2017. Disponível em: <https://montrealgazette.com/entertainment/movies/from-the-archives-bon-cop-bad-cop-un-bon-summer-entertainment>. Acesso em: 12 abr. 2024.

UNIVERSITÉ DE SHERBROOKE. Dictionnaire Usito. Usito, un dictionnaire conçu au Québec pour tous les francophones et francophiles intéressés par une description ouverte du français.. Québec: UdS, 2025. Disponível em: <https://usito.usherbrooke.ca/>. Acesso em: 27 jan. 2025.